

# Discernimento Comunitário: um estilo de autoridade para adultos capazes de gerar e criar

Carole Shinnick, SSND

Recentemente eu coordenei um encontro de religiosas que optaram por usar o discernimento comunitário para os seus processos. Após ter feito as colocações sobre os princípios operacionais e avaliado as orientações para discussões durante o Encontro, uma das irmãs perguntou com ênfase: “ O que seria se nós agíssemos assim o tempo todo?” Sua pergunta me levou a explorar essa questão e considerar como nossas escolhas de modelos de Autoridade e Tomadas de decisão se refletem em nossa vida comunitária como também a moldam.

Debaixo de qualquer modalidade de autoridade repousam suposições e valores que se aprofundam e amadurecem como nós. Parecem estar inter- conectados entre aspectos da nossa vida juntos:

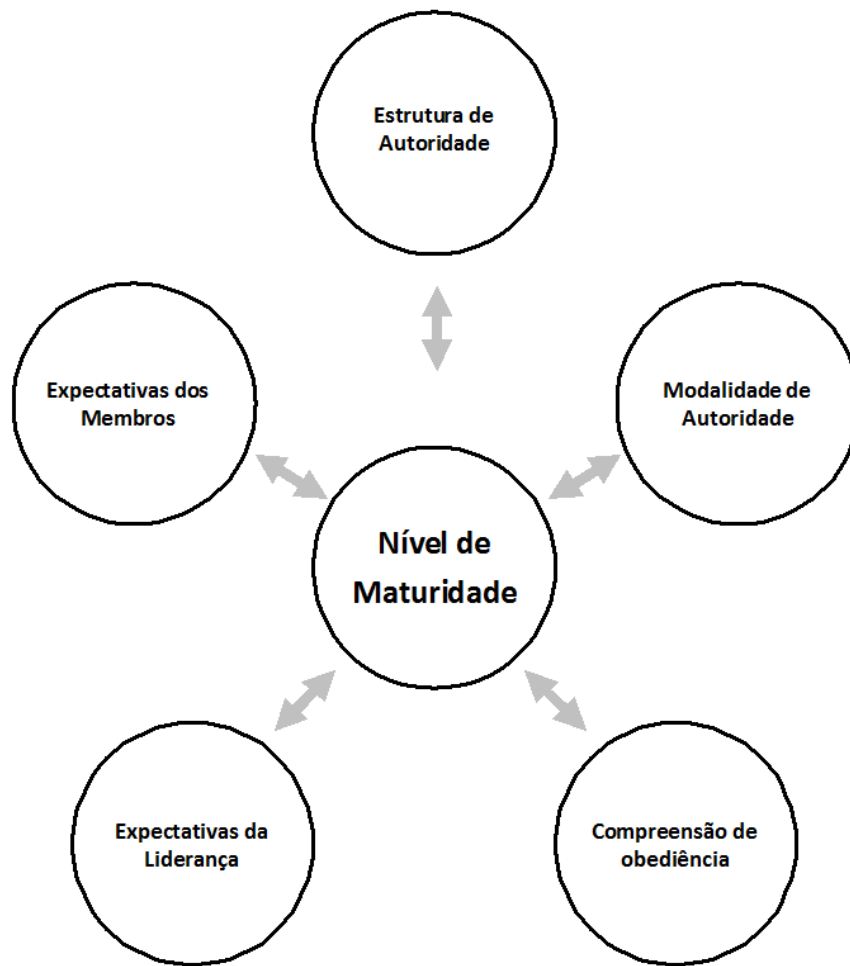
- Nossa escolha de estrutura de autoridade
- A modalidade que usamos para praticar a autoridade e tomadas de decisão
- Nosso entendimento sobre a obediência
- Nossa expectativa de liderança e filiação
- Os níveis de nossa maturidade individual e coletiva

Em linhas gerais, ao longo dos últimos 50 anos, a vida religiosa passou por, pelo menos três ( e provavelmente várias outras sutis diferenças) estágios de desenvolvimento. Estes estágios refletem e promovem uma maior maturidade na pessoa e no grupo. Padrões para crescimento em maturidade podem incluir:

- Cada vez mais profundo auto-conhecimento
- Capacidade de expansão da compaixão, empatia e aceitação do outro
- Crescente vontade de deixar tudo o que foi alcançado ao longo da vida em favor do bem comum
- Um desejo de investir num futuro que talvez nunca se veja mas com o qual se tem profundo cuidado.

Os três estágios de desenvolvimento que tenho observado (e vivido), manifestados em nossos estilos de autoridade, compreensão de obediência e a expectativa de líderes e membros desde os anos anteriores e posteriores ao Concílio Vaticano II incluem:

- O modelo pai para filho de liderança antes do Vaticano II
- O modelo adulto para adulto de liderança representativa-deliberativa (início dos anos 70 até a década de 90)
- O modelo adulto capaz de criar liderança inclusiva (final dos anos 90 até os dias de hoje).



Cada estágio de desenvolvimento reflete um novo nível de amadurecimento e, por sua vez, estabelece as bases para a próxima fase.

Escolher o foco em nosso estilo de evolução de liderança é uma forma de reconhecer o processo de crescimento, seu desenrolar nos membros e na Congregação. Assim como os religiosos governam a si mesmos, conduzem seus negócios e tomam decisões, somente podem atingir um nível maior de conhecimento e amadurecer em conjunto com o crescimento pessoal e comunitário.

Nosso estilo de liderança evolui porque nós evoluímos. E nossos estilos de liderança mudam porque tudo o que está vivo cresce, se ajusta, se adapta. Cada estágio edifica e é incorporado ao próximo. A vida vai em frente. Isso só pode ser revertido por uma enfermidade ou um trauma.

A tulipa não pode regredir a um botão, nem o botão a um broto.

E nós não podemos desconhecer o que já viemos a saber. Nós não podemos reverter as visões anteriores do mundo ou paradigmas. Não podemos deixar de querer estar significativamente envolvidas na formação da vida que vivemos, do mundo que servimos ou da Igreja que amamos.

## **Autoridade, Liderança e Obediência pré Vaticano II**

Antes do Vaticano II, o modelo de autoridade, de entendimento de liderança religiosa e o conceito de obediência refletia mais o modelo de pai para filho.

Num escritório ( a Superiora, geralmente chamada de “ Madre”) emitia comandos da Sede e dos membros ( muitas vezes chamados de “inferiores”) esperava-se que obedecessem. O regido tinha pouco a dizer sobre como ele era governado ou quem governava. Obediência era entendida como ordem e conformidade. Era virtuoso pensar e seguir ordens de maneira infantil sem questionar ou protestar. Valores operacionais refletiam os valores da ordem institucional, uniformidade e conformidade. Os membros eram vistos menos como indivíduos e mais como peças com capacidade de substituir ou trocar de lugar. Por esta razão era completamente normal para uma Irmã que dava aulas para o Ensino Fundamental em Indiana, receber uma ligação numa sexta-feira e ser chamada para mudar-se para Ohio e lecionar Química para o Ensino Médio na segunda-feira seguinte. A voz dos membros, neste modelo, era geralmente “sim”.

Esta abordagem de autoridade (que implicava na expectativa dos líderes e membros bem como a compreensão da obediência) mantinha a organização muito ocupada e altamente funcional. Isto assegurava um futuro para a vida religiosa apesar de guerras, desastres naturais e pragas. Isto oferecia um sólido lugar para uma passagem segura do estilo de vida religiosa para novas terras e inesperados ambientes. Isto fornecia um construtivo sistema de coordenação para a liderança bem como educação e treinamento em habilidades ministeriais. Como para essa professora de Ensino Fundamental que teve que se mudar para outro Estado para ensinar Química na semana seguinte - ela poderia muito bem descobrir que poderia se retirar.

O que este modelo não encorajava era a auto-consciência, o pensamento crítico, autonomia ou o desenvolvimento de uma identidade única – todos os marcos no caminho para a idade adulta.

---

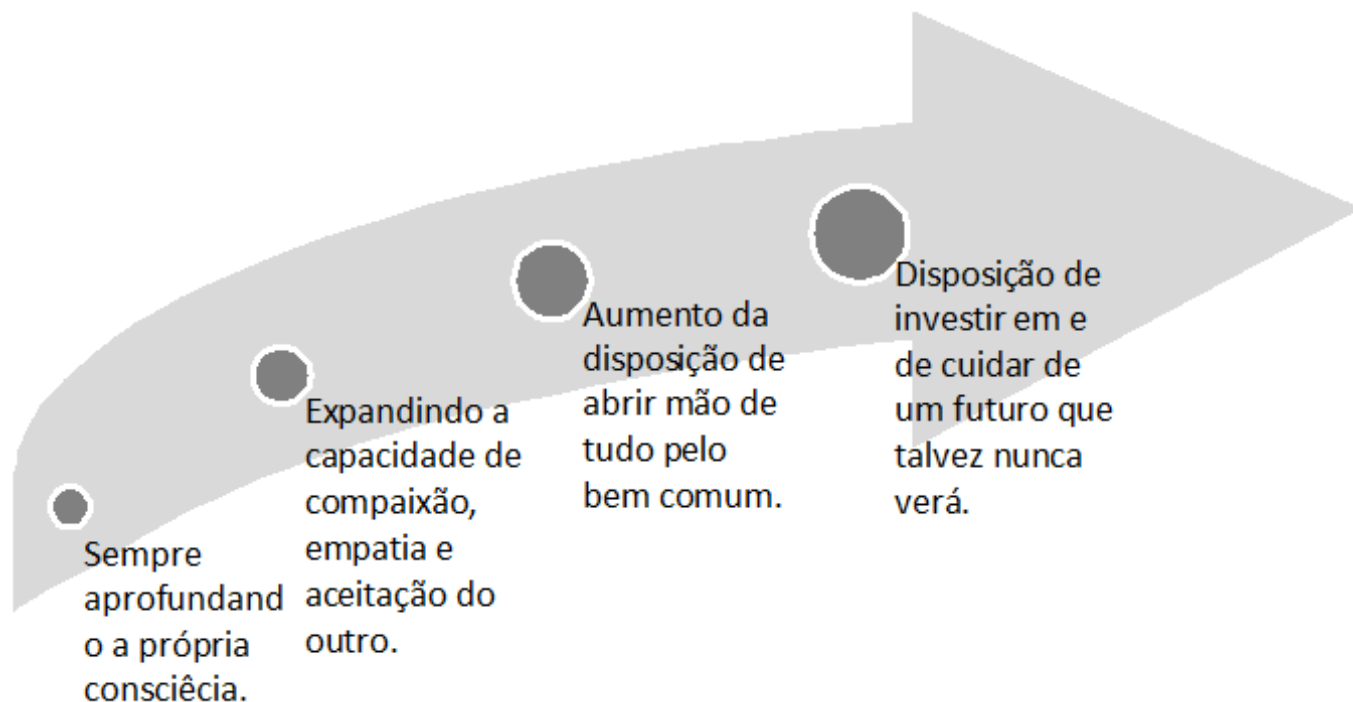
**Nós não podemos reverter nossa visão de mundo ou nossos paradigmas.**

**Nós não podemos cessar nosso desejo de estar significativamente engajados em modelar a vida que vivemos, o mundo que servimos ou a igreja que amamos.**

---

## **Autoridade, Liderança e Obediência pós Vaticano II**

Assim que os religiosos começaram a discernir as recomendações do Vaticano II, as comunidades foram tomadas por um incomum redemoinho de reuniões e questionamentos. A linguagem do diálogo, do consenso, da subsidiariedade e colaboração fluía facilmente em nosso vocabulário e povoava novas constituições revisadas. Membros, antes encorajados a um comportamento infantil, eram questionados sobre o que pensavam e sentiam, o que esperavam como membros. Eles logo perceberam suas vozes e começou-se a criar novos representantes de estruturas de autoridade para canalizar seus sonhos e idéias. Membros eleitos delegados, tinham que escolher lideranças e poderiam submeter propostas para consideração. “ Os tempos, eles estavam mudando.”



Uma ânsia de compreensão mais profunda do desenvolvimento humano também veio à tona. Os religiosos começaram a perceber que eram mais do que simples partes de um todo mas também pessoas em seu próprio direito.

Para participar nas estruturas e regras adultas, era importante aprender mais sobre aspectos emocionais, psicológicos e sociais de quem eles eram. Curiosos títulos de livros como *A Religiosa no Mundo* (1), *Desenvolvimento da Personalidade na Vida Religiosa* (2) e *A Mulher Real na Vida Religiosa* (3) passaram a estar nas prateleiras dos conventos, juntamente com a *Summa*.

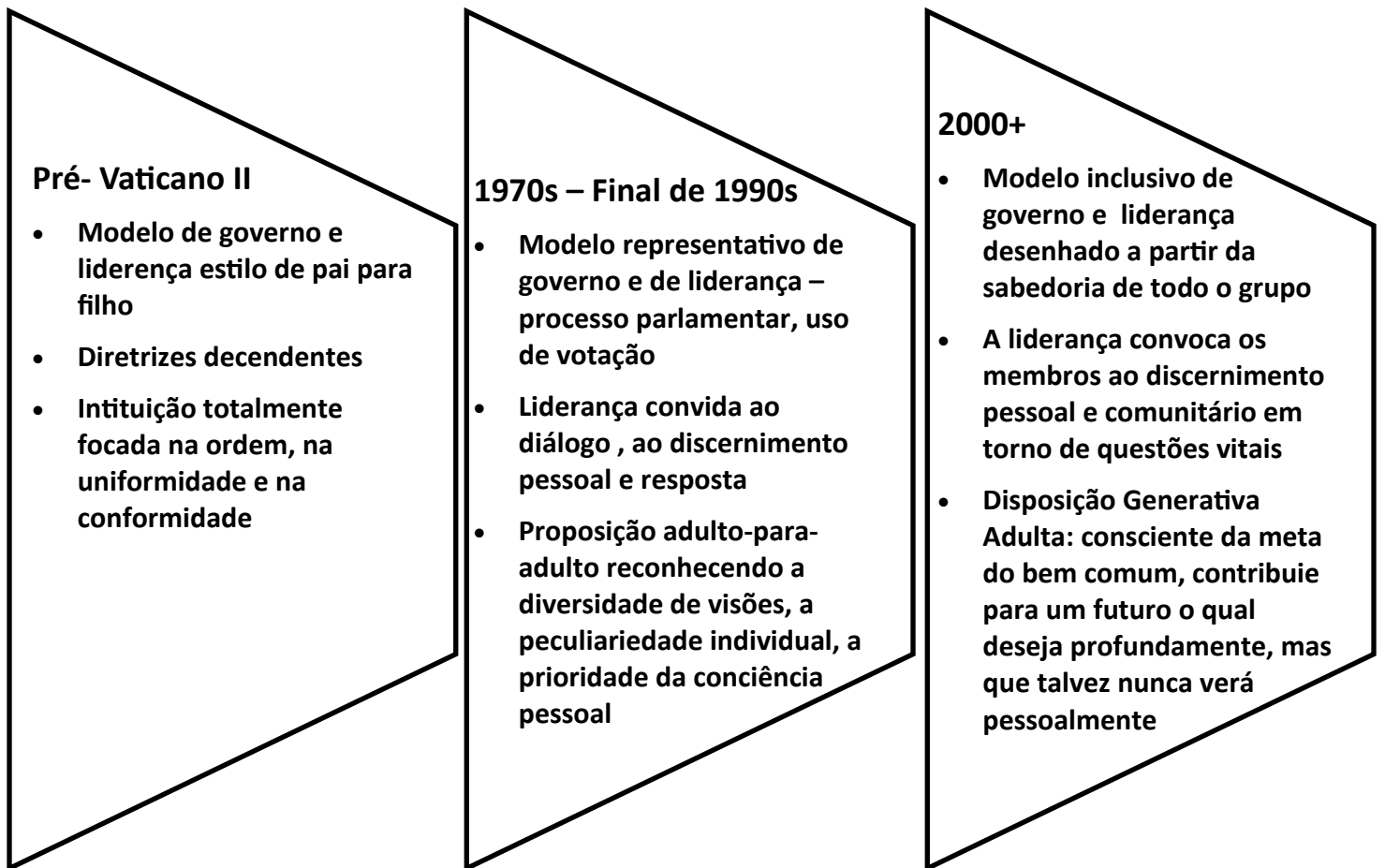
As religiosas começaram a fazer retiros dirigidos – uma mudança significativa dos grupos de retiros de 4 dias de conferências dos tempos anteriores. Elas também buscavam direção espiritual regular, algumas vezes com Jesuítas ou diretores Jesuítas treinados. E, no processo, uma nova frase da tradição inaciana começou a fazer parte da linguagem da vida religiosa: discernimento. Discernimento - particularmente o discernimento pessoal – se tornou quase sinônimo de tomada de decisão individual.

---

**Eu sugiro que a prática dos princípios do discernimento comunitário ... possa ser um dos nossos melhores dons que podemos oferecer ao mundo.**

---

Ao longo de 30 anos ou mais – desde o início dos anos 70 até o final dos anos 90, a voz adulta encontrada no despertar do Vaticano II se intensificou a partir do que era uma estridente e insistente voz pós-adolescente para uma voz mais calma e mais segura de um adulto maduro.



### **Discernimento Comunitário: Autoridade, Tomada de Decisão e Obediência para adultos capazes de criar e produzir algo**

Assim, aqui estamos hoje, passado o limiar do Século XXI. Os dias emocionantes de oportunidades ilimitadas são muitos. Agora podemos estar mais conscientes dos nossos limites do que dos nossos horizontes. Novos termos têm sido adicionados ao vocabulário religioso, por exemplo: “responsabilidade por serviços não providos de fundo financeiro”, “planejamento estratégico abrangente” e “eficácia da missão”.

Propriedade requer mais manutenção do que temos certeza que ela vale. Instituições ministeriais já não podem ser compostas somente por membros consagrados. Centros de Saúde crescem onde, antigamente, os noviciados transbordavam.

Mas, possivelmente, por causa de muitas questões com as quais nos deparamos e a inevitável retirada de acréscimos de outro tempo, nós estamos livres para entrar em um novo momento de aprimoramento e maturidade.

Nossa abordagem de autoridade, liderança e obediência se desenvolveu muito além do entusiasmo daqueles primeiros capítulos pós Vaticano II.

E cada vez mais, as comunidades estão optando pelo método de discernimento comunitário para identificar direções futuras, tomar decisões e escolher lideranças.

O método de discernimento comunitário tem sido formado e desenvolvido especialmente pelos perspicazes escritos e prática de 2 experientes facilitadores: Ted Dunn e Barbara Valuckas, SSND, e nós devemos obrigação a ambos, bem como a outros também.

Eu gostaria de apontar algumas dimensões da abordagem do discernimento comunitário que parecem que se encaixam perfeitamente para esse tempo na vida religiosa e para as complexas questões diante de nós. Eu também quero mencionar que o discernimento comunitário é um modo particularmente apropriado para aqueles cujo nível de maturidade pode ser melhor descrito como “o adulto capaz de produzir ou criar algo” – a pessoa que tenha aprendido a partir de várias experiências de vida, cujas energias e comprometimento estão mudando em direção a um futuro que talvez ela nunca vislumbre mas com o qual ela tem profundo cuidado.

- **É profundamente espiritual.** O discernimento comunitário pressupõe que cada participante se comprometa com a oração pessoal e reflexão, participe diariamente em partilhas de fé com seu pequeno grupo e tenha atitude orante em todas as questões e decisões.
- **Todos tem voz.** O discernimento comunitário é estruturado de tal maneira que todos tenham voz ao redor da mesa. A maioria das deliberações do discernimento comunitário acontecem em pequenos grupos e os participantes se comprometem em serem autênticos ao falar e atentos ao escutar. Existe espaço e acolhida para as idéias e inspirações de cada pessoa. O processo é de modo contemplativo.
- **É harmonioso, respeitoso mas não necessariamente fácil.** O processo minimiza oportunidades para aqueles que, entre nós são eloquentes, persuasivos ou se manifestam de maneira inapropriada influenciando a direção da reunião. Isto também reduz a probabilidade da “batalha das urnas”. No momento em que uma votação é requisitada, é para formalizar um movimento já percebido pelo grupo. Os participantes se comprometem em “ter a reunião dentro da reunião” esperando eliminar encontros disfarçados e estratégias de pequenos grupos para obstruir o movimento num todo. Política e politicagem não tem espaço nos grupos de discernimento comunitário. Nem boatos e fofocas.
- **É transparente.** Todos os participantes são iguais e todos tem igualdade de acesso às informações necessárias para tomar as melhores decisões em conjunto.
- **Une ao invés de dividir.** O discernimento comunitário prontamente escuta o que Deus está dizendo para o grupo sobre o sonho de Deus para eles. No processo de mover-se rumo a um consenso, cada participante precisa ceder em algumas de suas preferências pessoais e expectativas. Mas também, no resultado final, cada uma verá que tudo o que ela ofereceu foi ouvido e respeitado de alguma forma. Não pode haver maior familiaridade do que trabalhar com outros para construir algo que ninguém poderia ter criado isoladamente.

## Conclusão

Nós vivemos em tempos difíceis porém, agraciados tempos. Nosso maravilhoso mundo é despedaçado todos os dias pela indescritível violência. Polarização e profunda divisão parecem estar no ar que respiramos. À medida que nos tornamos um grupo menor, somos menos e frágeis, podemos nos perguntar o que temos a oferecer a alguém. Eu recomendo que a prática dos princípios do discernimento comunitário, não apenas em nossas Assembléias e Capítulos, mas em interações diárias uns com os outros, nossos colegas e nossos vizinhos, seja um dos nossos melhores presentes que temos para continuar oferecendo ao mundo. O discernimento comunitário é a forma de diálogo de adultos capazes de criar alguma coisa, mais interessados em ouvir do que em falar, mais empenhados em contribuir para um futuro global para todos do que assegurar conforto pessoal e conveniência.

No ano passado, durante a Assembléia 2012 LCWR, 900 mulheres se levantaram em um salão lotado para afirmar uma declaração final em resposta à avaliação doutrinal da Congregação para a Doutrina da Fé da LCWR. Elas possuíam isso. Elas, literalmente, se levantaram para isso. Após uma longa série de deliberações, Encontros Regionais e 03 dias de discussões, as 900 mulheres tinham chegado a uma posição comum. Isto foi o discernimento comunitário em seu melhor - uma declaração de consenso, enquadrada em um discurso adulto, claro e respeitoso.

Assim, eu sinto que é esse o nosso chamado agora – descobrir uma maneira de avançar juntos e oferecer um modelo alternativo para lidar com conflitos aparentemente sem solução e divisões em nosso tempo. Discernimento comunitário é muito mais que um caminho para realizar Capítulos e Assembléias. Para responder à irmã que me questionou a alguns minutos atrás, “O que seria se nós agíssemos assim o tempo todo?” Eu diria: “A vida mudando.”

*Carole é uma Irmã da Escola de Notre Dame, mora em Silver Spring, Estado de Maryland, EUA. Atualmente ela trabalha como facilitadora em comunidades de religiosas.*

## Notas finais

1. Leon Joseph Suenens, A Religiosa no Mundo. The Newman Press, Westminster, MD, 1963
2. John J. Evoy and Van F. Christoph, Desenvolvimento da Personalidade na Vida Religiosa. Sheed and Ward, New York, 1963
3. John J. Evoy and Van F. Christoph, A Mulher Real na Vida Religiosa. Sheed and Ward, New York, 1967

## Para leituras complementares

Barry, William, "Discernimento Comunitário como um caminho para a Reconciliação," Human Development. Vol. 29, no. 3, Fall 2008, pp. 10-14

Dougherty, Rose Mary, Discernment: Um caminho para o despertar espiritual. Paulist Press, Mahwah, NJ, 2009

Dunn, Ted, "Eleição e Discernimento Comunitário: Objetivos, Mitos e Dons," Revisado para Religiosos. Vol. 63, no. 3

Dunn, Ted, "Liberdade Interior: um guia reflexivo e exercício," Human Development. Vol. 33, no. 2, Summer 2012, pp. 3-10

Riebe-Estrella, Gary, "O voto para a Obediência," Occasional Papers. Winter 2013, pp.16-18

Valuckas, Barbara, "Capítulos de Discernimento de assuntos complexos," Human Development. Vol. 25, no. 4, Winter 2004, pp. 25-30



Carole Shinnick, SSND (à direita): “Não pode haver maior familiaridade do que trabalhar com outros para dar vida a alguma coisa que ninguém poderia ter criado isoladamente”.